

Oportunidades de Financiamento: Fontes e Experiências

Isabel Macedo

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade,
Universidade do Minho, Portugal
<https://orcid.org/0000-0003-4107-3997>

Neste texto, procurarei dar conta de dois tópicos. Por um lado, assinalarei várias fontes de financiamento e programas com os quais tenho vindo a trabalhar. Por outro lado, irei abordar alguns exemplos de percursos, procedimentos e resultados em candidaturas nas quais estive diretamente envolvida.

Atualmente, são diversas as fontes de financiamento para projetos individuais e coletivos. A dificuldade com que nos deparamos, não raras vezes, é o volume de trabalho que a preparação de uma candidatura exige, bem como a falta de tempo e a concorrência.

Ao longo do meu percurso de cerca de 12 anos na investigação, tive a sorte de trabalhar sempre em equipas de investigação que me foram envolvendo em projetos nacionais e internacionais e, mais tarde, de participar na elaboração de candidaturas como membro ou coordenadora de equipas de investigação. A experiência de que vos falarei tem por base o meu trabalho quer como investigadora, quer como gestora de ciência e tecnologia no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade durante 5 anos. Neste contexto, tive a oportunidade de contactar com várias fontes de financiamento, candidaturas e investigadores.

Darei, de seguida, alguns exemplos de programas de financiamento, bem como de entidades e fundações que também apoiam projetos coletivos e individuais, falando sobretudo daqueles com os quais tive contacto mais recente, mas deixando desde já a nota da multiplicidade de plataformas às quais podemos recorrer quando procuramos financiamento. Entre muitas outras, são elas:

- Agência Nacional de Inovação;
- European Cooperation in Science & Technology;
- European Council funding and tenders opportunities;
- European Research Council;
- Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento;
- Fundação “la Caixa”;
- Fundação Calouste Gulbenkian;
- Fundação para a Ciência e a Tecnologia;
- Erasmus+;
- IACOBUS;
- Portugal in Europe Research and Innovation Network.

Por exemplo, as oportunidades divulgadas pela Comissão Europeia e por programas como o Horizonte Europa, o European Research Council, o Erasmus+, o Creative Europe, ou o Life, entre outros programas de financiamento, podem ser encontradas no site Funding & tender opportunities, o que nos auxilia quando queremos procurar financiamento ou concursos abertos em determinada área científica. Neste site relativo às oportunidades de financiamento, podemos consultar os concursos abertos no âmbito destes e de outros programas, mas podemos também pesquisar por tema: por exemplo, procurando concursos abertos cujo título incluía a palavra “*media*”, verificamos que estão, à data da minha pesquisa, em setembro de 2022, abertos ou em processo de abertura 20 concursos.

Falando particularmente do Horizonte Europa¹, este ano, tive a oportunidade de integrar duas equipas de investigação e elaborámos duas candidaturas ao mesmo concurso, cujo enfoque se centrava na investigação e inovação em relação ao património cultural. Quer o processo de preparação da candidatura, quer o tema de cada projeto foram muito diversos. Nesta tipologia de projetos temos de preencher dois documentos, aquilo que é designado de “Parte A” e “Parte B” da candidatura. A Parte A é relativamente simples, pois trata-se de um formulário no próprio sistema em que assinalamos os parceiros do projeto, o orçamento e outros dados institucionais. A Parte B diz respeito à parte científica. É a que implica maior dedicação e trabalho e é dividida em três grandes tópicos (Excelência [objetivos e metodologias], Impacto e Implementação [plano de trabalho, recursos e competências da equipa]), não devendo ultrapassar as 45 páginas.

¹ Horizonte Europa é o programa da União Europeia para o financiamento da investigação e da inovação.

Num dos projetos, a candidatura começou a ser pensada com mais de 6 meses de antecedência, havendo reuniões frequentes entre os membros da equipa e todos trabalharam na candidatura, contribuindo para a sua redação. Este projeto teve, inclusive, apoio da própria universidade para a preparação da candidatura, contando com uma empresa de consultoria que acompanhou todo o processo. No mesmo dia recebemos o resultado de ambos os projetos e, embora a avaliação tenha sido excelente, não foram financiados.

Perguntam-me, então, porquê sublinhar isto neste texto? O trabalho de um grupo enorme de pessoas, o seu tempo ao longo de meses, a expectativa de poder desenvolver aquela investigação comparativa que tanto achamos que é essencial e depois um balde de água fria. Pois, diria que é mesmo assim, que aprendemos a viver com estes resultados quando nos envolvemos em concursos extremamente competitivos.

Ao longo do tempo em que fui gestora de ciência no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade acompanhei de perto algumas candidaturas ao European Research Council (Starting Grants e Advanced Grants), outra estrutura de financiamento. Neste caso, trata-se de projetos individuais que nos permitem, entre outras coisas, criarmos a nossa própria equipa, contratando jovens investigadores. Embora a minha função fosse apenas a de auxiliar na preparação do orçamento, nas Advanced Grants tive oportunidade de colaborar e ler as propostas. O processo de candidatura não é tão complexo quanto pensamos, mesmo quando comparado com uma candidatura à Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Há, contudo, um conjunto de critérios que temos de garantir, logo à partida, para podermos candidatar-nos. As experiências de sucesso não são muitas, mas as rejeições também podem ter o seu lado de oportunidade: muitos investigadores candidatam-se inúmeras vezes e vão afinando o projeto e o seu currículo ao longo do tempo, até verem a sua proposta aprovada.

Os casos que diria de sucesso — projetos aprovados — em que estive diretamente envolvida, nos últimos 5 anos, foram dois. Um dos projetos está agora a ser encerrado e estou a iniciar outro. Se me perguntarem o que acho que terá contribuído para a aprovação destes projetos em detrimento de outros, destacaria três aspetos. Em primeiro lugar, os temas que exploram são centrais na atualidade e cruzam-se quer com os desafios das migrações contemporâneas, quer com o aprofundamento do conhecimento das expressões artísticas, educativas e culturais dos países de língua oficial portuguesa. Por outro lado, ambos os projetos apresentaram uma rede de consultores internacionais reconhecidos pela comunidade científica do campo de atuação destas propostas. Por fim, os dois projetos propõem contribuir de algum modo para a mudança social, com impacto na sociedade e na esfera pública em particular.

Apesar do investimento em termos de tempo que uma candidatura exige, se tivermos uma equipa dinâmica com a qual estamos habituados a trabalhar, este processo desenvolve-se de uma forma mais horizontal, articulada e com menor desgaste para todos. Uma das mais-valias destes projetos é podermos incluir bolsas e outras oportunidades de emprego científico no seu contexto. É verdade que são oportunidades temporalmente limitadas, mas que podem abrir outras portas.

A atenção às transformações no sistema de financiamento e na política científica, em particular, no que se refere ao emprego científico, faz também parte do quotidiano dos jovens investigadores. Tendo sido definido o emprego científico como uma das prioridades do governo e da política científica desde o final de 2015, têm sido várias as medidas que têm sido adotadas, tendo-se criado programas de estímulo ao emprego científico, através de candidaturas individuais, candidaturas institucionais, apoios a unidades de investigação e desenvolvimento e a projetos de investigação e desenvolvimento, entre outros. O próprio ex-Ministro Manuel Heitor abordou esta política em vários momentos, inclusive numa sessão organizada na Universidade do Minho, referindo a necessidade de responsabilização no processo de construção de carreiras de investigação científica. Por outro lado, as instituições de ensino superior e investigação argumentam que não têm condições financeiras para assegurar a carreira de investigação científica. Em que situação ficaremos nos próximos anos?

Cabe, de facto, ao governo e às instituições do ensino superior encontrar uma solução para uma carreira de investigação sustentada e sustentável, respondendo à situação precária em que alguns investigadores vivem atualmente². Entre nós, vamos reivindicando melhores condições, procurando encontrar soluções que passam muitas vezes pelo envolvimento em equipas coletivas de investigação, redes, projetos, e, porque não, na submissão de candidaturas a concursos internacionais e competitivos.

Agradecimentos

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020 (financiamento base) e UIDP/00736/2020 (financiamento programático).

2 Ver a este propósito o texto de Moisés de Lemos Martins incluído nesta obra, “A Natureza das Ciências e o Estado das Ciências da Comunicação em Portugal”.